O mundo que odiava médicos | Leticia Süpptitz

Ao ligar o jornal essa manhã, a notícia que dava na TV me lembrou de um caso interessante que se passou comigo fazem uns 8 ou 9 anos. Naquele tempo, eu estava no último ano da faculdade de filosofia, e acabava de encerrar uma das piores semanas de provas de toda a minha vida.

Costumo brincar que o diploma que se recebe ao final da graduação de filosofia é, na realidade, uma passagem só de ida para o hospício. Aquele ano foi particularmente enlouquecedor, para dizer no mínimo. Os quilos e mais quilos de livros que nossos professores nos passavam para ler – como se nossos dias tivessem 48 horas em vez de 24, e como se em nenhuma delas necessitássemos de sono ou mesmo de alimentação -, inflavam nossas cabeças até parecerem um balão rijo eminente a explodir ao toque da mais fina agulha. Esses mesmos professores com seus dedos pálidos e secos de tantos e tantos anos folheando as mesmas páginas e muitas outras, olhavam para nós com um olhar carrasco ao mínimo erro de concordância lógica praticada. À anfibologia cometida por algum estudante descuidado ao elaborar a formulação sintática de alguma resposta de prova, vinha a caneta vermelha quase como um convite para a expulsão. Achismos eram inaceitáveis. Toda e qualquer ideia proferida deveria, obrigatoriamente, vir carregada de fundamentação, histórico, validação, estudos e todo tipo de análise e então, sendo assim, sem ter outra saída além da expulsão, estudávamos copiosamente.

A semana de provas a qual acabara de terminar me ficou gravada na memória particularmente, e talvez por isso agora me surjam de maneira tão clara lembranças do que venho narrar. Havia passado muitas noites praticamente sem dormir, comendo também muito pouco. Levara mais ou menos 4 horas para dissertar, de forma manuscrita, a diferença entre os conceitos de "*Ser*" e "*seer*" propostos por Heidegger. As noções de "*ser-aí*", o propósito do "*vir-a-ser*", a eterna jornada do homem existente em um constate "*poder-ser*", aturdiam minha alma e ressoavam de maneira ensurdecedora dentro da minha cabeça desde os primeiros minutos do pós-prova, como uma verdadeira e completa ressaca. Decidi que precisava de um café, a final eram meados de junho e fazia muito frio, e eu estava muito tempo sem dormir.

É agora que entro de fato na minha curiosa história. O que se passou nos minutos seguintes ocorrem-me hoje mais numa espécie de sonho ou devaneio – talvez pela inanição de sono e pelo cérebro exausto de manipular ideias complexas, ou quem sabe pela conversa absolutamente surreal que viria a ter em seguida – provavelmente, pelos dois.

Entrei em um café que costumava frequentar quando sentia necessidade de uma mudança de ares nas minhas horas de estudo, onde as paredes gélidas da biblioteca e o cheiro forte de naftalina começavam a me fazer querer vomitar. A dona me conhecia bem, era uma senhora gentil e agradável, e que vendia em seu estabelecimento um expresso de grãos moídos na hora, uma variedade de cafeeiro de uma respeitabilidade inominável. Pedi um café e sentei em uma mesa de canto, nem muito longe nem muito perto do balcão. Olhava para a TV com um ar

distraído enquanto esperava que meus grãos fossem moídos e preparados, e foi então que eu vi entrar pela porta de vidro uma velha amiga de minha família conhecida por Dona Ivone, uma dessas velhas sessentonas, viúva de um juiz bem conhecido da cidade, mãe de quatro filhos homens bem formados também nas artes jurídicas assim como fora o pai, e ainda mais bem empregados em repartições públicas, com suas carreiras ilustres banhadas aos louros do sobrenome patriarca. Dona Ivone se orgulhava muitíssimo dos filhos, dos imóveis que haviam recebido de herança e aos quais administravam de maneira exemplar, das mulheres elegantes e jovens as quais estes desposaram e, principalmente, das viagens ao exterior que faziam muitas vezes durante todo o ano.

O café estava vazio visto que aquele era um horário de pouco movimento e sendo assim, Dona Ivone me viu imediatamente ao entrar e logo veio a ter comigo. Era uma senhora extremamente falante e comunicativa. Me cumprimentou com enorme efusividade e de prontidão começou o seu costumeiro monologo em romaria. Contou-me que era conhecida da dona do café e que vinha buscar os grãos moídos por recomendação de uma amiga. Findada a breve introdução que se fazia por convenção em dizer o motivo de estar em um lugar ou em outro, logo começou a falar dos filhos, dos bens, das viagens, das noras e, obviamente todos esses relatos continham quilos de exaltação dela aos seus ilustríssimos, na mesma proporção em que apresentavam palavras de vexa e desaprovação à absolutamente todas as outras pessoas do universo sendo, o principal algoz da sua interminável narrativa e ao qual sempre achava um espaço para ralhar em qualquer contexto possível,

nada mais nada menos, do que a categoria de médicos.

Minha mãe costumava me contar que, antigamente, a profissão chegara a ter um espaço de louvor perante a sociedade. Ganhavam muitíssimo os médicos no passado, dizia ela, a ponto de terem o suficiente para as mesmas viagens ao exterior que faziam os filhos da senhora com seus ofícios de adjuntos, ou até mais. Eram respeitados como grandes autoridades em tempos pretéritos, vistos como pessoas cultas e distintas. A ruína da classe médica veio cair sobre esses como uma mantilha negra. A sucessão de pandemias, a falha em encontrar curas, a necessidade que se houve em preencher as universidades com médicos e mais médicos, corroeram a nobre profissão de toda sua glória. Na época da qual relato esse passado dia, havia já mais de 50 anos que o mundo vivia em sombra de mutações intermináveis de vírus que pareciam surgir diariamente, com seus nomes complicados e seus índices de letalidade cada vez maiores, os quais já nos são agora tão familiares. Desde aquela época então e até hoje, os médicos já não ganhavam muito mais do que 2 ou 3 salários. Após uma medida de manejo de calamidade que fora promulgada pela ONU uns 20 anos atrás, e aprovada unanimemente por todas as nações frente à geométrica queda da natalidade perante a mortalidade (resultante na queda de habitantes terrestres em 40%, fato que todos devemos lembrar de ter visto estampado nos livros de história de nossas juventudes), todo e qualquer curso superior de medicina deveria ser obrigatoriamente gratuito. Muitos escolhiam a profissão por falta de condições de arcar com qualquer outra possibilidade de estudo. Outros, o faziam pela pura necessidade de irem em busca de mitigar o sofrimento da população

geral, ávidos por lutarem com unhas e dentes pela preservação da nossa tão decadente humanidade.

Seja qual for o motivo, estudantes de medicina e médicos eram trabalhadores incessantes. As faculdades por mais que gratuitas, seguiam normas de rigidez impostas pela OMS – a qual tomou, por meio de uma comitiva conjunta repartida pelos 167 países existentes até então, total jurisdição por toda educação relacionada à área da saúde em todo o mundo – e mantinham seus estudantes em um regime rigoroso com uma extensa carga horária de trabalhos desde os primeiros anos, uma grade complexa e exigente, além da obrigatoriedade de que todos os acadêmicos se debruçassem em realizar pesquisas sobre os temas virais até o fim de suas jornadas.

Enquanto Dona Ivone falava, minha atenção dava pulos ao que passava na TV que jazia atrás dela, voltando e pairando entre algumas palavras soltas proferidas por esta tais quais como “coberturas na praia”, “casas de câmbio”, “preço do ouro”, e depois novamente em alguns gráficos numéricos que costumavam passar em grande quantidade nos noticiários. Como o salão do café estivera vazio, era possível ouvir o murmúrio vindo da TV caso lhe desse alguma atenção. Foi então que eu vi o rosto de Dona Ivone empalidecer. Como um par de sensores ultrassónicos, em meio a sua gabolice, ela ouvir a palavra MÉDICO.

Me lembro que a notícia trazia informações sobre um novo modelo de UTI que estava sendo implementado nacionalmente - e o qual fazemos uso até hoje – e que veio com a proposta de solucionar diversos

problemas de atendimento que se davam até então. Uma reorganização nas equipes teria início, novos cursos de formação para que fosse possível aos profissionais aderirem ao método, enfim, mais uma grande revolução da nossa heroica medicina e seus guerreiros incansáveis.

Dona Ivone, porém, não suportava ouvir esse nome. Seu semblante foi passando de um branco de cera à um roseado em torno das bochechas flácidas, depois uma vermelhidão e até o fim do novo discurso ao qual agora se empreitava estaria com a cara toda roxa de exaltação e raiva. Ergui os olhos para ela sem jeito, meio hesitante por saber o que me aguardava dali em diante e em seguida olhei para todos os lados como sem em busca de uma saída de emergência que me fizesse fugir da palestra. Ia lhe oferecer um copo d'agua e pedir que se sentasse, porém nem bem fiz menção de falar, senti a torrente de palavras iradas caírem sobre minha cabeça ainda muito lenta e pesada pelos estudos da noite anterior.

O discurso de Dona Ivone começa com as seguintes palavras:

- Tu ouviu isso meu rapaz? Médicos? Formação para MÉDICOS? Tu achas que isso tem algum cabimento?

A velha fez uma pequena pausa para respirar, como se tomando fôlego para adentrar a bravata, e então continuou:

- Lá vai o governo gastar dinheiro com essa gente. Aliás, NOSSO dinheiro vindo dos NOSSOS IMPOSTOS. Um bando de vagabundos, é isso que eu lhe digo. Estudam nas tetas do governo, comem nas tetas do governo, vivem nas tetas do governo. E aliás, esse nosso governo? Uma

escória! Ficam alimentando esses trogloditas. Você sabia que...

"Ela vai falar dos estudantes", pensei comigo, e no mesmo momento ela começou a bravejar a respeito dos estudantes.

- Você sabe como funcionam essas universidades para médicos? Essas FÁBRICAS de inquilinos do nosso dinheiro? Pois digo a você, uma verdadeira vergonha. Isso sim é o que são. Antros de preguiça e ócio em que não se faz nada o dia inteiro. São festas para lá, festas para cá, você nunca viu na internet?

E se referiu aí há alguma rede social daquela época que o leitor de hoje mal deve lembrar da existência, algum nome aportuguesado começado em F...

- Pois bem, está lá na internet, festa para calouros, festa para meio de curso, festa para formatura. E quem paga essa anarquia toda? NÓS, cidadãos de retidão e moralidade! Nós que carregamos esse país nas costas com nossos bens e nossos impostos. Pois te digo, te digo, não estudam, não sabem nada, e se formam sem nunca terem sabido de nada. Um colega de meu filho, o Senhor Borba, empregado em uma repartição pública que trata desses assuntos de saúde... As coisas que o Senhor Borba me conta, sujeito sério esse, digno de aplausos, comprou uma pistola automática semana passada por 100 mil dólares, uma maravilha, pequeninha, cheia de gravuras em fio de prata, tinha que ver, uma verdadeira joia. Enfim, como eu ia dizendo, o Senhor Borba! Contou-me que os médicos fazem sabe o que durante o "trabalho" nos hospitais (ela acentuou a palavra trabalho demoradamente, como se

fazendo sinal de aspas com a voz), pois bem, eles dormem! DORMEM! Estão lá dormindo em vez de irem trabalhar. E sabe quem é que paga para eles dormirem? Nós! Nossos impostos! Um roubo eu te digo, sim, um verdadeiro roubo.

Eu estava tonto. Lembrava de meus colegas da escola de medicina com olheiras de mal dormir. Lembrava de amigos médicos que eu encontrava na rua de olhos e bochechas fundas, seja do excesso de trabalho ou da má alimentação. Pensei nos enfermos, nos mortos, nas famílias e pessoas amadas de quem padecia. E lá estavam eles, lutando como trabalhadores braçais para reanimar uma vida sequer. E quantas foram? Quantas pessoas foram salvas dentre esse 60% que nos restou graças ao trabalho suado de meus colegas médicos. Eu estava aflito com o que ouvia, mas ao mesmo tempo sabia que qualquer tentativa de argumentação sensata ou coerente não teria êxito. Não, Dona Ivone pertencia ao grupo de pessoas que argumentava com bravata e fúria. Seus argumentos eram fundados em comentários de conhecidos, pessoas de algum renome no circulo privilegiado em que viviam. A reputação de fulano ou ciclano valeria sempre mais do que mil Hipócrates, dois mil Heideggers. Eles estavam todos acima da verdade, da lógica ou da razão. A única coisa que realmente tinha algum valor era a pistola automática gravada em fios de prata do Senhor Borba...

Porém, minha aflição tomava proporções desesperadoras. Pensei então nas aulas de lógica que eu recém havia cursado. No rigor dos nossos professores em exigirem que emitíssemos ideias de coerência substancial. Do quão polidos e respeitosos eram nossos mestres, fossem

os vivos ou os da anterioridade. E ali, bem na minha frente, estava uma mulher que falava palavras rudes, vulgares e esdrúxulas para defender sua opinião equivocada e cheia de ódio, ao mesmo tempo que se auto intitulava uma “cidadã integra e moral”.

Senti meus lábios se abrirem quase que involuntariamente. Ouvi minha voz saindo da minha boca trêmula, hesitante. As palavras que proferi foram poucas e simplórias, apenas um desafogo para o mar de agonia que entalara na minha garganta.

Lhe disse:

- Dona Ivone, mas a senhora me diga só, quem iria atender dos enfermos nos hospitais se não fossem os médicos?

Ela me olhou com uma careta franzina, mas a sensação que tive foi a de que ela me olhava sem me ver, como se eu nem estivesse ali. A verdade é que ela falava para si mesma, apenas para si mesma. A necessidade de um interlocutor era mera convenção do habito ou talvez do ego. Se mostrou rapidamente aborrecida pela interrupção mas logo, como se nunca tivesse parado, seguiu com o esporro:

- Esses médicos deveriam ser todos colocados dentro de um navio e despejados daqui. Poderiam mandam todos para qualquer um daqueles paisezinhos infames dos confins da Europa, Islândia ou algo assim, onde vivem daquele jeito vergonhoso deles, COMO COMUNISTAS! Tudo é compartilhado, tudo é gratuito, o estado banca estudo para todo mundo, nem água e luz precisa pagar! E sabe o pior disso tudo? O governo paga bolsas de CULTURA, CULTURA! Esse povo infeliz recebe dinheiro para ir ao

teatro ou o escambau. Uma vergonha eu te digo, uma vergonha absoluta. Por mim, mandavam os médicos todos pra lá e deixava que apodrecessem naquela terra gelada e miserável.

Sabe quem deveria estar atendendo nos hospitais? Pois te digo, que são os militares. Meu avô me contava que nos tempos das guerras antigas, eram os militares quem tratavam dos próprios doentes. Aquilo sim que são tempos, tempos de glória isso sim. Naquela época, era assim: chegou com uma perna podre, pois arranca a perna! Pra que gastar dinheiro com todo esse monte de frescura? Recuperação, remédio, reabilitação? Isso aí é pra dar dinheiro pra esses vagabundos, esses médicos, que vivem em arrancar dinheiro dos outros. Os militares? Não, com eles isso não existe. Pois arrancam a perna e pronto. Lá precisa de faculdade pra isso? Não gastavam nem com anestesia, veja bem, uma maravilha. E se eles faziam assim e ia tudo bem, porque fazer diferente agora? Ora, pro diabo isso tudo, só querem o nosso dinheiro, tenho dito!

A imagem de uma perna gangrenada tomou conta do meu campo de visão mental e comecei a sentir vontade de vomitar, menos da ideia da perna purulenta do que da figura que gesticulava na minha frente. Arrisquei outra pergunta tímida:

- Mas, minha senhora, me diga só uma coisa, não morreria dessa forma ainda mais gente? Pois já tem tanta gente morrendo, tanta tragédia, tanta dor...

- Olha, pois por mim, ainda melhor. Pois que morram todos! Esse mundo já está é cheio demais. Pois então, podem morrer, tem mais é

que morrer! Veja bem o que vou lhe contar, o Senhor Borges que me contou esse acontecido, ele próprio teve que lidar com o caso. Um dia ele veio a saber de um homem que perdeu justamente a bendita perna em um SUPOSTO acidente de trabalho. Uma maquina passou por cima ou algo assim. O homem chegou no hospital quase dado por morto, e bem feito, pois tu acha mesmo que foi um acidente? Histórias! Eu aposto, e Senhor Borges concorda plenamente comigo, que o vadio se deixou perder a perna. Sim, isso mesmo, enfiou a perna embaixo da máquina só para não ter que trabalhar mais, com certeza. Chegando no hospital, os tais dos médicos utilizaram de tudo que podiam para salvar a vida do homem, e salvaram. Depois disso, como se não bastasse, ainda assinaram um termo afirmando que o desgraçado teria que se aposentar por não ter a perna. Como assim não poder trabalhar só por não ter uma perna??? Você não viu na internet? Tantos vídeos de gente que não tem a perna e trabalha, toma ônibus, trem, trabalha final de semana inteiro, tudo isso sem a perna. Isso sim é bonito de ver, um exemplo eu te digo, um exemplo!

Eu estava a um segundo de sair correndo dali, gritando, chorando, arrancando as roupas e os cabelos. Eu mal conseguia acreditar que uma mulher letrada, instruída, possuidora de bens e de acesso a todo tipo de informação estava proferindo aquelas palavras. Então em um milésimo de segundos eu me lembrei que não era ela quem dizia aquilo, ou melhor, não era SÓ ELA quem pensava dessa forma sobre essas coisas e tantas outras. Elas eram muitas e muitos, estavam em posições de liderança, educavam seus filhos para pensar assim também, proferiam

suas ideias deformadas com propriedade e orgulho. Antes fosse uma lunática falando aquilo para mim, uma pessoa sem domínio das próprias faculdades mentais e alheia à realidade. Mas não, ela não era, e ela tinha muitas copias de si mesma espalhada por todas as partes...

Quem veio ao meu socorro foi a amável dona do café, que interrompeu a falatória de minha instrutora dizendo que seus grãos estavam moídos e prontos para levar. Dona Ivone me deu um adeus cerimonioso e apressado, falando que não podia se atrasar para a hora da missa...

Me despedi de maneira gentil e cordial, mandei lembranças aos filhos, e disse para que não esquecesse de pedir aos céus pela mais plena e absoluta saúde de toda sua família.